

Twain

até mesmo as torturadas páginas que ela escreveu em seu delírio, com a luz já faltando. “Senhor Clemens, Senhor Zola, Senhor Harte... Eu vejo que até mesmo a treva pode ser grandiosa. Para mim, a escuridão deve permanecer de eternidade para eternidade.” Ele soube que, em seu delírio, ela encontrou um vestido de Livy em um armário, acreditou que a mãe estava morta, beijou o vestido e chorou. Também em seu delírio, ela ouviu o rumor dos bondes lá fora, e acreditou que eles estavam correndo porque ela era ‘a filha de Mark Twain.’ (“Como eu odeio esse nome”, dissera ela, apenas alguns anos antes.) Clemens disse que agradecia... que ela não tivesse vivido mergulhada na loucura ou na debilidade, mas que a luz da sua mente, cuja agilidade e sutileza sempre o haviam maravilhado, ‘se extinguisse rapidamente, em desordenado esplendor.’”

Depois da morte de Susy, a esposa de Twain refugiou-se na invalidez total, parte porque assim podia permanecer em seu quarto e escapar do humor do seu marido, que era de negro desespero. Ela perdeu o interesse pelos livros e pelas pessoas, devotando-se, na solidão, à quirosofia e ao espiritualismo. Twain chegou-se a ela para partilhar de seus interesses e ambos travaram amizade com o editor do Jornal da Sociedade de Pesquisas Psíquicas. Embora eles fossem, várias vezes, a sessões espíritas, nunca conseguiram um contato convincente com o outro mundo. Muitos anos antes, Twain solapara a crença religiosa de sua esposa e agora, quando ela procurava conforto, ele lhe disse que o deus que governa o universo era uma criatura maligna e criminoso.

A desolação de Twain aumentou com o correr dos anos e até mesmo sua família e seus amigos passaram a evitar seus disparates sombrios e vituperantes. Vivendo no luto e na reclusão, ele tratou suas duas filhas sobreviventes como sacerdotisas do santuário em memória de Susy; na família, cada aniversário e cada feriado era celebrado em homenagem a Susy; Twain deu voltas ao redor de si mesmo, explorando os enigmas da sua vida, especialmente sua vida nos sonhos. “Na minha idade, assim como na minha juventude”, escreveu ele, em sua autobiografia, “a noite me traz muitos remorsos íntimos. Eu compreendo que desde o berço até aqui tenho sido igual ao resto da raça — nunca completamente são do juízo, quando chega a noite.”

Olhando para sua vida passada, para sua espetacular subida de piloto no rio Mississipi até a riqueza e até a fama

Twain

mundial, ele perguntou a si mesmo se tudo aquilo teria sido sonho ou realidade. “Este sonho continua e continua e *continua*, e às vezes parece tão real que eu quase acredito que é real”, escreveu ele. “Eu desejaria saber se é sonho ou realidade.” Anos antes, nos livros *The Prince and the Pauper* [O Príncipe e o Mendigo] e *The Connecticut Yankee* [traduzido com o título Um Ianque na Corte do Rei Artur], Twain usara o tradicional recurso literário de confundir sonhos e realidade, como base para comédia; agora isso se tornara seu pesadelo pessoal. Na conclusão de sua última e maior obra, *The Mysterious Stranger* [O Misterioso Estranho], é Satã quem declara: “Nada existe. É estranho, deusas, que você não tenha suspeitado que o seu universo e todas as coisas que ele contém são apenas sonhos, visões, ficção! Estranho, porque elas são tão franca e histericamente insanas — como todos os sonhos.”

A questão de sonho e realidade perseguiu os anos finais de Twain, não somente por causa da morte de Susy mas, também, por causa do seu próprio dom para aquilo que ele chamava de “devaneio” (ele atribuiu a morte prematura do seu filho ao fato de ter caído numa espécie de estado de transe, durante uma viagem de carruagem, permitindo que os cobertores escorregassem de cima do garoto doente, de modo que “a criança estava quase gelada” quando eles chegaram em casa). Um exemplo desses acessos de sonhar-com-os-olhos-abertos desafiou Twain até que um dia uma senhora, casualmente, fez-lhe esta pergunta: “Alguma vez você já teve uma visão... estando acordado?” Ele recordou a ocasião em que vira uma “aparição” e sentiu que agora compreendia o que lhe acontecera.

Uma tarde Twain estava parado na varanda da frente da sua casa, quando viu um homem, que ele desejava evitar, caminhando em direção à sua residência. “O homem era um estranho e eu tive a esperança de que ele tocasse a campainha e fosse tratar dos seus negócios lá dentro, sem parar para argumentar comigo; ele teria que passar diante da porta da frente para chegar até mim e eu desejei que ele não se desse tal trabalho; para ajudar, tentei eu mesmo parecer como um estranho — muitas vezes, isso funciona. Eu estava olhando diretamente para aquele homem; e ele chegou até perto de três metros e meio da porta e cerca de uns sete metros de mim — e, de repente, desapareceu. Isso foi tão estarrecedor quanto se uma igreja pudesse sumir diante do seu rosto e nada deixar atrás de